

PERFORMATIVIDADE E EDUCAÇÃO: A INFLUÊNCIA DAS AVALIAÇÕES EXTERNAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA.

Dra. Kátia Silva Cunha  0000-0001-9282-715X
Jéssika Pâmela de Oliveira Pereira  0000-0001-9670-6478
Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO: As avaliações externas têm como objetivo averiguar a qualidade do sistema educacional. Os exames são compostos por provas objetivas aplicadas anualmente, e assim a qualidade educacional é traduzida de forma quantitativa, através dos índices tomados a partir do desempenho e performance dos alunos. Nessa perspectiva o presente trabalho teve por objetivo investigar as implicações de uma política de avaliação externa no processo de ensino e aprendizagem de matemática em 2 (duas) escolas estaduais no município de Bonito-PE. Diante disso, nos propusemos a compreender os impactos de avaliações como SAEPE e ENEM na prática docente e no

planejamento escolar, assim como a importância desses exames para a escola, dado que, escolas, alunos e professores estão imersos na cultura da performatividade. Portanto, realizamos uma pesquisa qualitativa tendo como instrumento de coleta uma entrevista não estruturada, composta por 5 perguntas de cunho informativo e explicativo. Como resultados, destacamos que os professores são forçados a moldar sua didática tendo em vista a preparação dos alunos para as avaliações externas e assim, as práticas pedagógicas e atividades escolares são realizadas em função das avaliações externas.

PALAVRAS-CHAVE: Performatividade; Avaliação Externa; Qualidade educacional.

PERFORMATIVITY AND EDUCATION: THE INFLUENCE OF EXTERNAL ASSESSMENTS ON THE PROCESS OF TEACHING AND LEARNING MATHEMATICS.

ABSTRACT: External evaluations aim to ascertain the quality of the education system. The exams consist of objective tests applied annually, and thus the educational quality is translated quantitatively through the indexes taken from the performance of students. From this perspective, the present work aimed to investigate the implications of an external evaluation policy in the process of teaching and learning mathematics in 2 (two) state schools in the city of Bonito-PE. Given this, we proposed to understand the impact of evaluations such as SAEPE and ENEM on teaching practice and

school planning, as well as the importance of these examinations for the school, since schools, students and teachers are immersed in the culture of performativity, charged. Therefore, we conducted a qualitative research using as collection instrument an unstructured interview, consisting of 5 informative and explanatory questions. As a result, we highlight that teachers are forced to shape their didactics in order to prepare students for external evaluations and thus, pedagogical practices and school activities are performed according to external evaluations.

KEYWORDS: Performativity; External evaluation; Educational quality.



1 INTRODUÇÃO

Avaliar faz parte da vida humana, tendo em vista que a ação de estabelecer mérito ou julgar o valor de coisas ou resultado de um processo é algo que fazemos cotidianamente. O campo da avaliação comporta avaliação de desempenho como a realizada por competições esportivas, avaliação de alunos como testes e provas, além de avaliação de produtos, programas e processos. Entretanto, vale salientar que a avaliação é o produto de um processo de determinar, estabelecer e valorar o mérito, “mas a avaliação não se baseia nos instintos de juízes, instrutores ou manuais de treinamento – nem mesmo na educação de modo geral, onde todos nós deixamos os maiores rastros em termos de avaliação” (SCRIVEM, 2018, p. 18).

A ubiquidade da avaliação, como assinala Scriven (2018), não retira dessa, a produção de conhecimento, “conhecimento sobre o mérito relativo de diferentes maneiras de ensinar, ou estudar, ou de mudar a prática de assistência à saúde, ou usar catalisadores que aceleram a ação de hormônios de crescimento” (SCRIVEN, 2018, p. 32). Um processo que permite coletar dados, analisar e classificar a partir de padrões. Isso porque, como complementa o autor citado, “Descobrir como e por que um processo funciona é um caminho-padrão para melhorar a prática e, em muitos casos leva quase imediatamente a grandes avanços práticos” (IDEM, p. 56).

Nesse sentido a avaliação do processo educativo não deve fugir a esse princípio, e que deve ser pensado e estruturado para atingir o seu objetivo de coletar informações, analisar e julgar o mérito dos resultados, contribuir para a consolidação do processo de ensino e aprendizagem.

A escolha da temática possui relação direta com o projeto de pesquisa coordenado por Cunha¹ (2016), que busca uma nova aproximação ao já conflitivo e polissêmico termo profissionalização docente, entendendo que ser professor/a

¹ Projeto de pesquisa aprovado pelo Programa de Pós Graduação em Educação, Ensino de Ciências e Matemática em 22/05/2018 e registrado na comissão de pós-graduação e pesquisa do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco em 12/06/2018, sob número 23076.018773/2018-00.



implica em construir-se enquanto movimento constante na interação, não isento de impactos e influências externas, que envolve escolhas, decisões, valores, crenças, e opera com compromisso e responsabilidades, mas não um processo fixo e acabado, previsível e estável. A partir desse projeto propomos o estudo sobre a avaliação externa dada sua ênfase como relevante e determinante na qualidade² do ensino tendo como principal finalidade avaliar e assegurar tal qualidade.

Assim o objetivo central deste estudo é compreender, a partir da visão dos Professores de Matemática, como o desejo pelos bons resultados nas avaliações externas têm impactado o processo de ensino e aprendizagem de Matemática em 2 (duas) escolas da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, na Cidade de Bonito-PE.

2 SITUANDO O CONTEXTO DESSE ESTUDO

Para manter um resultado positivo e crescente em relação às avaliações externas, deu-se início na rede estadual de Pernambuco uma “política de premiação”, parte da política de responsabilização educacional associada ao Programa de Modernização da Gestão Pública (2008) adotado pelo Governo do estado. A política de Responsabilização Educacional³ é definida pela Secretaria de Educação como “uma política pública cuja diretriz é assegurar a melhoria da

² Não nos propomos a uma discussão sobre qualidade, mas cabe pontuar que Segundo David Woodhouse (OECD, 1999, p. 29), apesar de ser um texto em relação a educação superior, do muito que foi escrito envolvendo o significado de qualidade e das muitas definições sugeridas, a ideia que geralmente é mais aceita está ligada à qualidade como "ajuste ao propósito" (*fitness for purpose*). Segundo Maria J. Lemaitre (2001), as definições de qualidade nunca são neutras nem inocentes. E hoje encontramos uma forte ligação com as concepções de gestão das indústrias, que enfatizam aspectos de eficiência, produtividade e redução de custos. Os textos apesar de se referirem à educação superior, parecem-nos adequados para a explicação em contextos da educação básica. WOODHOUSE, D. (1996), “Quality Assurance: International Trends, Preoccupations and Features”, *Assessment and Evaluation in Higher Education*, 21, 4, pp. 347-356. LEMAITRE, Maria J. *La Calidad Colonizada: universidad y globalización*. Conferencia dictada en el Seminario. The End of Quality, organizado por la Universidad de Central England, Birmingham, U.K. en mayo de 2001.

³ PERNAMBUCO. Sistema de Informação da Educação de Pernambuco. **Política de Responsabilização Educacional**. [s/d]. Disponível em: <https://www.siepe.educacao.pe.gov.br/>. Acesso em: 27/07/2018.



qualidade social da educação pública” (SAD-PE, 2006, s/p), em que as Escolas e professores que atingirem a meta através dos resultados obtidos pelos alunos, recebem um determinado prêmio, “o valor do prêmio tem como base, o salário de início de carreira do servidor e será pago proporcional ao desempenho conquistado pela unidade de ensino em relação ao cumprimento de sua meta” (IDEM). Desta feita, o Bônus de Desempenho Educacional (BDE)⁴, é o incentivo financeiro concedido aos profissionais das escolas que atingirem a partir de 50% as metas pactuadas no Termo de Compromisso⁵ - define as metas de desempenho institucional a serem alcançadas no ano - assinado pelas escolas que pactuam o compromisso com a elevação dos indicadores educacionais.

Salientemos ainda que a política de Responsabilização Educacional do estado de Pernambuco é baseada em metas e resultados com o claro objetivo de melhorar os indicadores educacionais do estado e conseqüentemente elevar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), através da medição do fluxo escolar e médias de desempenho nas avaliações. O cálculo do índice de Desenvolvimento do Estado de Pernambuco – IDEPE considera os resultados do SAEPE (Sistema de Avaliação do Estado de Pernambuco), a média do desempenho dos estudantes em Língua Portuguesa e Matemática e o fluxo escolar – progressão dos estudantes. O IDEPE e o SAEPE são instrumentos utilizados para “medir” anualmente a qualidade da educação no estado de Pernambuco, seus resultados servem não apenas como diagnóstico das escolas e das redes, mas como requisito para instituir o BDE.⁶

Por esse motivo expressamos nosso questionamento sobre esse estudo: Como o desejo pelo bom resultado nas avaliações externas têm influenciado o

⁴ PERNAMBUCO. Sistema de Informação da Educação de Pernambuco. **Bônus de Desempenho Educacional – BDE**. [s/d]. Disponível em <https://www.siepe.educacao.pe.gov.br/>. Acesso em: 27/07/2018

⁵ PERNAMBUCO. Sistema de Informação da Educação de Pernambuco. **Termo de Compromisso**. [s/d]. Disponível em : <https://www.siepe.educacao.pe.gov.br/>. Acesso em: 27/07/2018

⁶ PERNAMBUCO. Sistema de Informação da Educação de Pernambuco. **Sistema de Avaliação da Educação Básica de Pernambuco - SAEPE**. [s/d]. Disponível em: <http://www.siepe.educacao.pe.gov.br>. Acesso em: 27/07/2018



planejamento de aula dos Professores de Matemática? Será que a escola tem focado de maneira demasiada nos bons resultados? É necessário refletir se a avaliação externa e os impactos causados por ela têm refletido de forma positiva na educação, e se tem ajudado a proporcionar uma educação de qualidade.

3 AVALIAÇÃO EXTERNA E A EDUCAÇÃO: POLÍTICAS DE AVALIAÇÃO EXTERNA

A prática avaliativa segundo Costa (1993) é uma ação política, que abrange tomada de decisões ou juízo de valor por parte de quem avalia. Sendo um processo sistematizado de apreciação dos resultados do saber, o que torna o ato de avaliar uma difícil missão para os docentes, pois os mesmos devem valorar o conhecimento de seus alunos. Contudo, atualmente o ato de avaliar ainda tem se restringido a provas escritas e objetivas, dessa forma a avaliação no contexto escolar, não tem cumprido o seu propósito, pois a utilização e priorização de apenas um instrumento, não consegue emitir juízos de valor, e conseqüentemente, o ato de avaliar fica restrito a verificação de um tipo de aptidão pessoal, aquela requerida no instrumento, não havendo garantia de que os resultados obtidos, em uma prova escrita, por exemplo, revelem o que o aluno aprendeu.

As avaliações externas, por sua vez, seguem o mesmo formato – uma prova escrita, pontual a partir da qual, alunos, escolas e professores são avaliados, e cujo resultado implica em uma classificação, e essa acarreta, conseqüentemente, em exclusão daqueles que não são considerados aptos diante dos resultados. Para Libâneo, Oliveira e Toschi (2005) as avaliações, como Saeb e Enem, são pautadas em aplicação de testes que buscam medir o rendimento dos alunos, para o controle dos resultados pelo Estado.

Utilizada na expressão do ranqueamento de alunos, escolas e docentes, a avaliação externa tem se tornado apenas a expressão de um exame, que busca pelo



mérito, a classificação, a performatividade⁷, segundo Moreira (2009) a cultura da performatividade tem incentivado a competitividade e a criação de novas formas de controle, mensuração e competição.

Desse modo, a formação de hierarquias tem se perpetuado ao longo da história da educação, pois para Perrenoud (1999) as pequenas hierarquias formadas nas escolas se combinam e formam hierarquias globais. Começam na disciplina, depois em um trimestre, e é transferido para o ciclo de estudos. Dessa forma em relação à avaliação externa os alunos e escolas são comparados e selecionados, através de uma escala que determina o sucesso ou derrota escolar.

As avaliações externas são instrumentos governamentais utilizados para a implementação de políticas educacionais que visam a “qualidade” da educação básica, mas “uma qualidade quantitativa, que pode ser traduzida por números” (HATTGE, 2014, p. 09), ou seja, essa qualidade educacional está diretamente ligada à produtividade, eficiência e competição, e dessa maneira a avaliação tem se moldado às características do capitalismo econômico, pois segundo Hattge (2014) a produtividade acaba sendo relacionada a desempenho dos alunos, logo a “qualidade” é traduzida como uma boa performance dos estudantes nas avaliações de larga escala.

4 O PROFESSOR E A AVALIAÇÃO EM LARGA ESCALA

O professor, através da atividade pedagógica, apresenta uma grande contribuição no processo de ensino e aprendizagem de matemática. A prática

⁷ Condição pressuposta de execução de determinado ato, manifestação de competência. Segundo Ball em *Performatividades e Fabricações na Economia Educacional: rumo a uma sociedade performativa*, o autor afirma, (BALL, 2010, p. 38): “Performatividade é uma tecnologia, uma cultura e um modo de regulação, e mesmo, tal como define Lyotard, um sistema de “terror”, sistema que implica julgamento, comparação e exposição, tomados respectivamente como formas de controle, de atrito e de mudança. Performances – de sujeitos individuais ou organizações – servem como medidas de produtividade ou resultados, como formas de apresentação da qualidade ou momentos de promoção ou inspeção. Elas significam, encapsulando ou representando um valor, a qualidade ou a valia de um indivíduo ou de uma organização dentro de um campo de julgamento”.



pedagógica do professor atrelada à avaliação desempenha grande impacto na aprendizagem dos alunos, uma vez que, para Fernandes (2009), ensinar é inerente à prática avaliativa. Dessa forma, a avaliação apresenta-se como um instrumento que auxilia a prática do professor, nesse sentido:

Entende-se a avaliação para além das provas e notas que são atribuídas aos alunos, concebe-se como importante instrumento que possa subsidiar a prática pedagógica do professor. Compreende-se também que ela deve fazer parte de todo o processo educacional, assumindo o importante papel de orientar o planejamento do professor e também de reorganizá-lo quando for necessário (AMARAL; COSTA, 2017, p. 2).

Nesse sentido, a atividade avaliativa não deveria se restringir a um momento de prova, pois segundo Cenci (2013), a avaliação deveria ser uma atividade constante e diária a ser realizada da interação entre o Professor e o aluno proporcionando, no ambiente da sala de aula, uma discussão e reorientação da prática avaliativa do professor, visando uma aprendizagem significativa.

Para Weiss e Coelho (2015), é preciso entender que a avaliação não é um fim em si mesma, mas um processo que envolve o professor, o que é ensinado, o aluno e o que é aprendido. Segundo Luckesi (2002):

[...] o momento de avaliação deveria ser um “momento de fôlego” na escalada, para, em seguida, ocorrer a retomada da marcha de forma mais adequada, e nunca um ponto definitivo de chegada, especialmente quando o objeto da ação avaliativa é dinâmico como, no caso, a aprendizagem (LUCKESI, 2002, p. 34-35).

Considerando as colocações acima, a avaliação escolar deve ter um caráter diagnóstico, em que, através da mesma, o professor toma conhecimento do andamento da construção do conhecimento dos alunos, e planeja ações que os auxiliem a sanar as dificuldades.

Para tanto, na avaliação externa, o ato de avaliar toma um novo objetivo – conhecer, diferente de apenas quantificar; pois, “alguns avaliam para conhecer o aluno e sua situação no processo de aprendizagem, ou para reorganizar o trabalho



pedagógico, outros avaliam para classificar, quantificar” (SANTOS, 2010, p. 75). Na perspectiva da quantificação, a avaliação externa é instrumento não diagnóstico, pois segundo Menegão (2015) quando o resultado da avaliação externa é divulgado ocorre quase que automaticamente uma classificação das escolas, gerando de certa forma um clima de competição entre estas, mesmo sendo de uma mesma rede ou município. Luckesi (2002), então esclarece:

Com a função classificatória, a avaliação constitui-se num instrumento estático e frenador do processo de crescimento; com a função diagnóstica, ao contrário, ela constitui-se num momento dialético do processo de avançar no desenvolvimento da ação, do crescimento para a autonomia, do crescimento para a competência etc. Como diagnóstica, ela será um momento de “senso” do estágio em que se está e de sua distância em relação a perspectiva que está colocada como ponto a ser atingido a frente. A função classificatória subtrai da prática avaliação aquilo que lhe é constitutivo: a obrigatoriedade da tomada de decisão quanto à ação, quando ela está avaliando uma ação (LUCKESI, 2002, p. 35).

Diante do esclarecimento do autor, podemos afirmar que a avaliação externa reflete de forma diferenciada em relação ao trabalho docente, a mesma não se manifesta como reorientadora da prática pedagógica, mas sim, como uma avaliação classificatória que “é aplicada para constatar se o ensino foi transmitido” (FREITAS, COSTA E MIRANDA, 2014, p. 90). Pois, na avaliação externa o professor não realiza uma tomada de decisão, quanto à ação pedagógica.

As avaliações como o SAEPE e ENEM são realizados uma vez por ano, impossibilitando o professor a realizar mudanças que auxiliem os alunos a superar as dificuldades nos conteúdos estudados, e assim “as decisões em relação ao processo pedagógico têm sido centralizadas, como é o caso da definição do currículo e das metas a serem atingidas” (SANTOS, 2010, p. 73). Portanto; o professor na atividade da avaliação externa não exerce autonomia quanto às decisões referentes ao aprendizado do aluno, o mesmo trabalha assuntos já definidos que serão cobrados nessas avaliações, assim subtrai-se da autonomia docente as funções de selecionar os conteúdos, adequá-los aos níveis e



necessidades das turmas, estabelecer critérios e padrões que levem em conta os patamares iniciais de aprendizagem.

5 METODOLOGIA: NATUREZA DA PESQUISA

Neste momento temos como objetivo apresentar o percurso metodológico adotado nesse estudo. Salientamos que buscamos compreender os impactos das avaliações externas no trabalho docente, de um grupo específico de Professores de Matemática no Ensino Médio da Rede estadual na Cidade de Bonito-PE. Nesse sentido, optamos pela utilização de uma abordagem qualitativa, uma vez, que a abordagem qualitativa tem como principal foco o social, como um mundo de significados passíveis de investigação e a fala como matéria prima dessa abordagem (MINAYO E SANCHES, 1993).

Para o levantamento dos dados, utilizamos uma entrevista não estruturada, uma vez, que através da entrevista podemos obter informações acerca dos “motivos conscientes para opiniões, sentimentos, sistemas ou condutas: descobrir quais fatores podem influenciar as opiniões, sentimentos e condutas e por quê” (RAMPAZZO, 2011, p. 114).

5.1 Conhecendo o campo: As escolas

As escolas que participaram do estudo, são escolas Estaduais do Ensino Médio, localizadas na Cidade de Bonito-PE. A seleção das escolas se deu pelas seguintes características:

- São escolas de tempo integral localizadas na cidade de Bonito-PE, sendo uma delas Escola de Referência em Ensino Médio, e a outra Escola Técnica Estadual. Dessa forma, ambas trabalham com Ensino Médio e os estudantes são avaliados pelos mesmos instrumentos de avaliação externa, sendo eles o SAEPE e ENEM;



- A Escola de Referência em Ensino Médio alcançou em 2016 o 5º lugar e em 2017 o 1º lugar no IDEPE das Escolas Estaduais da GRE Mata Centro de Pernambuco;
- A Escola Técnica Estadual teve alcançado em 2016 o 3º lugar e em 2017 o 4º lugar no IDEPE das Escolas Estaduais que fazem parte da GRE Mata Centro de Pernambuco.

5.2 Conhecendo os Professores: Participantes da Pesquisa

Os participantes da pesquisa são professores de Matemática das referidas escolas que tinham pelo menos 3 (três) anos de experiência docente, uma vez que, o professor é formado na relação teórica e prática, pois:

Os saberes profissionais também são temporais no sentido de que os primeiros anos de prática profissional são decisivos na aquisição do sentimento de competência e no estabelecimento das rotinas de trabalho, ou seja, na estruturação da prática profissional. Ainda hoje, a maioria dos professores aprendem a trabalhar na prática, às apalpadelas, por tentativa e erro (TARDIF, 2000, p. 13).

Dessa forma, o primeiro contato com os professores se deu nas instituições de trabalho dos mesmos, nesse contato foi entregue aos professores participantes da pesquisa um termo de consentimento livre e esclarecido, nele foi especificado os objetivos da pesquisa, como aconteceria a coleta de dados, a ênfase sobre o anonimato dos professores, a finalidade acadêmica, bem como a possibilidade do abandono da pesquisa a qualquer momento, e a não remuneração dos sujeitos participantes. Assim a entrevista foi formada por 5 (cinco) perguntas de natureza distintas, sendo composta por perguntas explicativas e opinativas visando compreender a importância dos resultados das avaliações externas e a influência das mesmas na prática docente. Segue uma tabela com as especificações das perguntas, a categorização e a justificativa para a realização das mesmas:



Portanto as entrevistas foram realizadas individualmente, sendo agendadas de acordo com a disponibilidade dos entrevistados, sendo desenvolvidas no interior das instituições de trabalho dos professores, assim foram gravadas e transcritas com a autorização dos professores.

6 ANÁLISES DAS ENTREVISTAS

Com o intuito de garantir o anonimato dos 4 (quatro) participantes da nossa pesquisa, usaremos P1, P2, P3 e P4 para identificar os professores entrevistados. Reiteramos que a entrevista foi composta por 5 perguntas de cunho explicativo e opinativo. Sendo assim, a partir do primeiro questionamento buscou-se identificar se a escola prepara os alunos para as avaliações externas e se esse preparo tem impactado a opção didática dos professores entrevistados, procurando identificar se há interferência na dinâmica da sala de aula e no trabalho docente.

Tabela 1- Perguntas presentes na entrevista e suas intenções

Perguntas	Justificativa de cada Pergunta	Categoria
1. Existe preparação para os exames externos? Se existe, em que medida a preparação dos alunos para a avaliação externa tem influenciado sua opção didática? Ou não tem?	Perceber a partir do impacto das avaliações externas sobre a escola, se a didática do Professor é alterada, tendo em vista a preparação dos alunos para as avaliações.	Explicativa.
2. Você acredita que os resultados da avaliação externa têm contribuído para a melhoria da qualidade educacional? De que forma?	Perceber diante do reflexo das avaliações externas sobre as escolas, se os Professores acreditam que as mesmas têm proporcionado melhora da qualidade educacional.	Opinativa.
3. Na sua opinião o que, de fato, as avaliações externas avaliam?	Perceber segundo os Professores, se as avaliações externas avaliam, de fato, a aprendizagem do alunado.	Opinativa.
4. Os resultados da avaliação externa têm provocado mudanças no currículo de Matemática para o Ensino Médio?	Perceber o impacto curricular das avaliações externas para as escolas, visto a interferência que as mesmas têm desempenhado na escola.	Opinativa.
5. Você acha que a avaliação externa tem contribuído para a aprendizagem em Matemática? Como?	Perceber se e como as avaliações externas tem proporcionado aprendizagem em Matemática.	Opinativa e explicativa.

Fonte: as autoras/2019.



Nessa perspectiva, o professor P4 afirma que *“Influencia [...] tem todo um trabalho voltado para as avaliações externas”*, na mesma lógica o professor P2 ratifica que *“É claro que tem, tem toda uma influência, à medida que a gente vai trabalhando e vendo os resultados, a gente faz mudanças, coloca ações de modo a direcioná-los a melhoria, para eles fazerem uma prova com decência”*. Diante das respostas, podemos afirmar que há impacto na ação e no fazer dos docentes. Há uma preocupação com os resultados, que os alunos estejam preparados e realizem uma boa prova, e tragam um bom resultado para a escola. Ainda destacamos o discurso do professor P3, quando afirma que:

Têm [...] então todo trabalho nosso, visa lá fora, tudo visa lá fora. Quando eu estou com meu aluno eu estou olhando meu aluno como aquela pessoa que vai ter que responder 45 questões no ENEM, que considera um absurdo porque todas as outras disciplinas têm menos questões e ele vai ter que se dar bem com uma área sozinha - a matemática como uma área só para o ENEM. Então, tudo que eu vou preparar eu já penso nele lá fora, o que isso vai poder ajudá-lo lá fora? O que (...) isso quando ele estiver na faculdade vai poder ajudá-lo? O que é que isso quando ele for fazer um concurso vai poder ajudá-lo? (Professor P3).

Diante das afirmativas (e questionamentos) dos professores, nota-se que a prática pedagógica dos docentes recebe a influência da avaliação externa, ou seja, os resultados da avaliação impactam o trabalho pedagógico, então, os professores são cobrados a moldar a didática, tanto pela cobrança e desejo do estado por bons índices, quanto como uma forma de preparar os alunos para encararem os meios de seleção para uma vaga na Universidade, ou cargo profissional. Assim, a cultura da performatividade mostra-se presente nas avaliações externas, pois para Moreira (2009) a cultura da performatividade incentiva a competição e a mensuração. Concordamos com Libâneo (2002), que hoje há uma tendência em educação que anuncia uma era do conhecimento, com novos paradigmas e práticas educacionais para a formação de crianças e adolescentes, que atenda a necessidade da sociedade econômica.



O segundo questionamento teve como objetivo investigar se na opinião dos professores entrevistados, as avaliações externas têm contribuído para a qualidade educacional, e de que forma isso tem acontecido. Sobre essa questão o professor P1 relata “Eu acho que não, muito não, porque têm muitos assuntos que não são explorados pela avaliação externa, no caso a de Pernambuco o SAEPE (sim), a do ENEM não [...]”. Nos parece que segundo o professor P1, a avaliação externa não tem contribuído para a qualidade educacional, porque no caso do estado de Pernambuco, as escolas são mais cobradas por bons resultados no SAEPE, e na opinião do mesmo, o SAEPE apresenta-se como uma avaliação limitada, por abordar poucos assuntos Matemáticos.

Em discordância com a opinião do professor P1, o professor P3 afirma que:

Eu acredito que têm [...] os resultados da avaliação externa têm contribuído para que o nosso aluno, possa estar vendo que lá fora não é fácil. Que quando ele vai para faculdade ele tem que estar entre os melhores, porque senão não faz uma monitoria, não recebe uma bolsa, não tenta um outro curso. Ele sempre tem que estar melhorando, ele tem que criar essa mentalidade que o estudo é prazeroso, mas ele é trabalhoso. Então, assim toda essa situação faz com que a melhora educacional venha, não é assim uma coisa extrema, mas a gente nota que é uma coisa que vai ser a longo prazo, mas eu acho que está dando certo, é esse o caminho (Professor P3).

Percebe-se, portanto; que o professor P3 acredita que as avaliações externas têm contribuído para a melhoria da qualidade educacional, e para ele essa qualidade é descrita como preparação dos estudantes para o enfrentamento da vida, através do mérito, que se exemplifica diante do esforço pessoal “ *ele tem que estar entre os melhores*”, uma vez, que na sociedade capitalista as melhores oportunidades de emprego e estudo são ofertadas aqueles que se destacam e obtêm boas notas, e conseqüentemente apresentam bom desempenho, o mérito pelo trabalho e esforço é a bolsa, a monitoria, um bom curso e assim, segundo Perrenoud (1999), a escola tem ajudado a criar hierarquias globais. Portanto, as avaliações externas manifestam-se como um instrumento que tem contribuído



para determinar o sucesso ou derrota escolar, amparadas no mérito oriundo do esforço e trabalho pessoal.

O terceiro questionamento teve um cunho opinativo com a intenção de verificar segundo os professores, o que de fato as avaliações externas avaliam, nesse sentido, o professor P1 afirma que avalia “Um conjunto. A escola é avaliada [...] então as avaliações externas avaliam o conhecimento matemático dos alunos, mas de maneira superficial”. Os depoimentos dos professores P2 e P3 reiteram a afirmação do professor P1:

[...] avalia a escola de uma forma geral, porque quer queira quer não, a gente tá buscando o crescimento e a melhoria, e é como eu já disse anteriormente, se vem pro bem é claro que vamos fazer um trabalho diferenciado. Mas, aí a gente já vai estar com o olhar diferenciado se tiver uma nota mais baixa, e o estado usa isso para promover a escola, para pontuar a escola já que a gente tem metas a cumprir (Professor P2).

Para o governo, as avaliações externas servem de resultados, para que eles possam dizer: “Estou fazendo algo correto!!” Para as escolas - nenhuma escola quer ver seus resultados ruins, por quê? Porque a ideia é que uma escola que não teve um bom resultado, os alunos não são bons, a equipe não é boa. Então existe uma preocupação. Aí você coloca: e para o Professor? O professor vê que se o aluno foi bem, ele vai se dar bem fora, na preparação eu vejo o professor como ligação direta com o aluno, ele é quem mais está preocupado com a aprendizagem[...] (Professor P3).

As falas apontam para uma responsabilização/culpabilização do professor diante dos resultados: “aí a gente já vai estar com o olhar diferenciado se tiver uma nota mais baixa” (P2) ou ainda “(...) os alunos não são bons, a equipe não é boa. Então, existe uma preocupação” (P3). A avaliação externa, apresenta-se de diferentes formas para os envolvidos nesse processo avaliativo. E mesmo que o professor seja avaliado juntamente com o aluno, se preocupa com a aprendizagem dos educandos, mesmo diante de resultados não positivos, mas, recaí sobre o professor os resultados, ou seja, os resultados dos alunos impactam o estado, a Escola e é claro a vida dos professores. Nesse sentido nos remetemos a Ball (2010, p. 39) ao afirmar:



Há “vencedores” e há “perdedores” na “luta pela alma do profissionalismo” (Hanlon, 1998), o qual está embutido nessa remodelação. Com efeito, nós nos criamos na medida da informação que construímos e transmitimos sobre nós mesmos. Nós nos articulamos dentro desses jogos representacionais de competição, intensificação e qualidade (BALL, 2010, p. 39).

Os professores ainda foram questionados quanto ao currículo escolar, desse modo, o objetivo do questionamento é investigar se os resultados das avaliações externas têm provocado mudanças no currículo escolar. Diante do questionamento, o professor P4 diz: “Eu não diria mudanças, mas ajustes no currículo escolar local”. Salientamos ainda a resposta do Professor P1:

Pra gente aqui da escola, a gente tá tentando focar na prova do SAEPE, aí todo o ano sentamos os Professores da área de exatas e fazemos o currículo do ano, aí nesse currículo a gente planeja os assuntos que vamos dar durante o ano, focando sempre as provas externas (Professor P1).

Frente as afirmações dos professores, podemos inferir que as avaliações externas exercem uma influência no currículo escolar local, dado que segundo o professor P1, existe um planejamento anual dos assuntos que serão abordados em sala de aula, visando as avaliações externas, ou ainda que são realizadas mudanças no currículo visando o atendimento aos conteúdos da avaliação. Para Santos (2010), o trabalho do professor tem sofrido interferências das avaliações. Dessa forma, tem-se trabalhado o currículo e metas que foram pensadas de maneira centralizadas. A resposta do professor P3 evidencia essa centralização curricular das avaliações externas.

Tem. A gente mesmo, no caso de Matemática das escolas integrais, a gente tem 3 situações, a gente tem o currículo da rede do estado, nós temos uma planilha de descritores do SAEPE e SAEB - que são muito próximos, as diferenças entre os descritores não chegam a ser gritantes, são muitos parecidas - e nós temos uma matriz do ENEM com todas aquelas competências e habilidades. Não são assuntos diferenciados eles estão de certa forma interligados, mas para que a gente tenha, dentro dessa quantidade de aula, a gente consiga trabalhar essas 3 situações, dá bastante trabalho (Professor P3).



Os professores trabalham em suas salas de aulas, com 3 matrizes de referência, que apesar das aproximações, são distintas – caso contrário, não haveria necessidade de citá-las. A partir das respostas dos Professores parece-nos que o currículo escolar está factível a mudanças que atendam às necessidades implicadas no atendimento das matrizes, o que de fato orienta a prática das escolas. Dessa forma, novamente nos remetemos a Ball (2010, p. 39):

A questão não é sobre a possível certeza de ser sempre vigiado, como ocorre no panóptico. Trata-se, ao contrário, da incerteza e da instabilidade de ser julgado de diferentes maneiras, por diferentes meios, por meio de diferentes agentes; o “levar a termo” das performances – o fluxo de demandas, expectativas e indicadores em constante mudança que nos fazem continuamente responsáveis e constantemente registrados – “dando a posição de qualquer elemento dentro de um ambiente aberto a qualquer momento dado” (Deleuze, 1992, p.7). Esta é a base do princípio da incerteza e da inevitabilidade; é uma receita para a insegurança ontológica, que coloca questões tais como: Estamos fazendo o suficiente? Estamos fazendo a coisa certa? Nosso desempenho será satisfatório? (BALL, 2010, p. 39).

Por fim o último questionamento feito aos Professores teve como objetivo verificar se na opinião deles, as avaliações externas têm contribuído para a aprendizagem em Matemática, e como tem contribuído. Ressaltamos, portanto, as respostas.

Veja, como de certa forma é uma coisa forçada. Eles têm que fazer. Hoje, no estado, as provas de Matemática e Português do SAEPE - já ficam na escola. Então, a gente já pode corrigi-las antes que o próprio CAED⁸ corrija. A gente vê o seguinte, que eles, de certa forma, só ficam naquele caminho ou estudam ou tem que voltar, então como só tem um caminho, eles de certa forma são forçados a estudar né, e quando você estuda não tem como não aprender (Professor P3).

Eu acho que qualquer avaliação contribui pra o aprendizado, assim vai depender do trabalho que é feito, porque pra qualquer avaliação eu acredito que se necessita de uma preparação. Então, quando você se prepara, você se aprofunda, você pesquisa, você foca mais naquilo, quando você tá prestes a fazer uma avaliação, eu acho que isso deveria ser o normal para todas as

⁸ Centro de Políticas Públicas de Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora.



pessoas, se você vai fazer uma avaliação e pretende ter um bom resultado, você se prepara para fazer essa avaliação (Professor P4).

Percebe-se nos depoimentos dos professores P3 e P4, que as avaliações externas têm contribuído para a aprendizagem em Matemática, dado que, requer preparo dos alunos para realizá-las, então, para os professores, a preparação produz aprendizagem. Visando um bom resultado no ENEM, os alunos são forçados a estudar, e à medida que estudam, vão desenvolvendo o conhecimento Matemático. Mas, os alunos não têm muita saída: “ou estudam ou tem que voltar, então, como só tem um caminho eles de certa forma são forçados a estudar né” (P3), o que vem reforçar a fala socialmente naturalizada, que na sociedade capitalista, os que se destacam são aqueles que apresentam uma boa nota, os esforçados, aqueles que possuem mérito e o cultivam. A partir das falas dos professores, observa-se, mais uma vez, a influência da cultura da performatividade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As avaliações em larga escala se instituíram na escola como uma forma de controle da qualidade educacional pelo Estado, através da qual os resultados quantitativos expressos por meio da aplicação das provas são atualmente indicadores da aprendizagem do aluno, do trabalho do professor e da qualidade do ensino escolar.

Justificada a avaliação, diante da demanda por uma educação de qualidade, o trabalho dos professores, bem como as ações das escolas passaram a estar em função dos resultados obtidos pelas avaliações externas. Constata-se então, que as avaliações externas são políticas educacionais que estão presentes na escola, exercendo influências sobre a atividade escolar e a vida daqueles que fazem a escola.



Por serem cobrados por bons índices e responsabilizados diante dos resultados, os Professores exercem suas atividades pedagógicas visando a preparação dos alunos para as avaliações externas, um repto da sociedade capitalista, onde os melhores são selecionados. Nesse sentido a escola apresenta-se como um ambiente preparatório para as avaliações seletivas como o ENEM.

É preciso considerar que, esse estudo trata-se de um contexto específico, logo, não pretendemos generalizá-lo para as demais escolas de Ensino Médio do estado, mesmo reconhecendo que podem ser sentimentos comuns a muitos professores e escolas, a verificação sobre isso caberia outra pesquisa de maior alcance.

Não se pretendeu nesse estudo desconsiderar o uso de avaliações, somos a favor da utilização da avaliação como meio de promover aprendizagem, e não como um meio de seleção e mensuração, que atenda aos objetivos da performatividade como vem sendo aplicada.

REFERÊNCIAS

AFONSO, A. J. Reforma do Estado e políticas educacionais: entre a crise do Estado-nação e a emergência da regulação supranacional. **Educação e Realidade**, Campinas, v.22, n.75, p.15-32, ago.2001.

AMARAL, W.; COSTA, R. Avaliação da Aprendizagem no Ensino da Matemática: Tendências e Perspectivas. *In*: Congresso Nacional de Educação, XIV, 2017, Curitiba. Anais. Curitiba: **Congresso Nacional de Educação**, 2017. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26060_12377.pdf . Acesso em: 27 de fev. de 2019.

BALL, S. J. *Performatividades e fabricações na economia educacional: rumo a uma sociedade performativa*. **Educação & Realidade**. Porto Alegre: UFRGS, v.35, n.2, 2010, p. 37-55. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/15865/9445>. Acesso em: 21 de mai. de 2019.

CENCI, D. **Avaliação em Matemática: Concepções de professores da Educação Básica**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em:



<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71277/000879212.pdf?sequence=1> . Acesso em: 5 de abr. de 2019.

COSTA, M.R.N. **Pressupostos filosófico-epistemológicos da avaliação educacional**. Pernambuco: CTCH, 1993. Disponível em:

http://www.unicap.br/Arte/ler.php?art_cod=2456 . Acesso em: 20 de fev. de 2019.

Cunha, Kátia Silva. **O Docente da Educação Superior: o formador em (Re)vista**. Recife, Projeto de pesquisa aprovado pelo Programa de Pós Graduação em Educação, Ensino de Ciências e Matemática em 22/05/2018 e registrado na comissão de pós-graduação e pesquisa do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco em 12/06/2018, sob número 23076.018773/2018-00.].

ESQUINSANI, R. Performatividade e educação: a política das avaliações em larga escala e a apropriação da mídia. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 5, n. 2, p. 131-137, jul./dez. 2010. Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/viewFile/1023/1390> . Acesso em: 06 de fev. de 2019.

FERNANDES, D. O papel dos professores no desenvolvimento da avaliação para as aprendizagens. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**, 8., 2009, Olinda. Anais... Olinda: Sapiens, 2009. Disponível em:

<http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5884/1/O%20Papel%20dos%20profesores%20no%20desenvolvimento%20da%20avaliac%CC%A7a%CC%83o.pdf>.

Acesso em: 05 de abr. de 2019.

FREITAS, S.L; COSTA, M.G.N.D.; MIRANDA, F.A.D. Avaliação Educacional: formas de uso na prática pedagógica. **Revista Meta: Avaliação**, v. 6, n. 16, p. 85-98, 2014. Disponível em:

<http://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/217>.

Acesso em: 16 de abr. de 2019.

HATTGE, M.D. A emergência da performatividade da educação brasileira: uma análise do movimento todos pela educação. In: **Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação Sul**, 10., 2014, Florianópolis. Anais... Florianópolis, 2014, p. 1-19.

LIBÂNEO, J.C.; OLIVEIRA, J.F.; TOSCHI, M.S. **Educação Escolar: políticas, estruturas e organização**. 2. Ed. São Paulo: Cortez editora, 2005.



LIBÂNEO, J. C. Didática: **Velhos e novos temas**. Edição do Autor. Goiânia, 2002. Disponível em: <https://edoc.site/queue/livro-didatica-de-jose-carlos-libaneopdf-pdf-free.html>. Acesso em: 25 de fev. de 2019.

LOPES, A. C. Políticas de Currículo: questões teórico-metodológicas. *In*: LOPES, A.C. DIAS, R.E. ABREU. R.G. **Discursos nas políticas de Currículo**. Rio de Janeiro Quartet, 2011. P.19-45.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação Educacional Escolar para além do Autoritarismo. *In*: LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**; 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 27-47. Disponível em: <http://maratavarespsictics.pbworks.com/w/file/fetch/74438033/42658693-Avaliacao-Luckesi.pdf> . Acesso em: 22 de fev. de 2019.

MENEGÃO, R. **Impactos da Avaliação externa no Currículo Escolar**: Percepção de Professores e Gestores. 2015. Tese (Doutorado em Educação, na área de Ensino e práticas culturais) – Faculdade de educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2015.

MINAYO, M. C. S; SANCHES. O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou complementaridade? **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

MOREIRA, A. A Cultura da performatividade e a avaliação da Pós-graduação em educação no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, V.25, nº 3, p.23-42, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v25n3/03> . Acesso em: 15 de mar. de 2019.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação de Pernambuco. **Construindo a excelência em gestão escolar: curso de aperfeiçoamento**: Modulo XII ´políticas de Responsabilização educacional. Recife: SEE, 2012.

PERRENOUD, P. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed editora, 1999.

RAMPAZZO, L. **Metodologia Científica**: para alunos de graduação e pós-graduação. 6. Ed. São Paulo: Loyola, 2011.

SANTOS, J. C. **A (Contra) Reforma da educação pública em Minas Gerais: O Programa de Avaliação da Rede Pública de Educação Básica/Proeb em análise**. 2010. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Educação) – Faculdade de educação, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2010. Disponível em:



<http://repositorio.ufjf.br:8080/xmlui/bitstream/handle/ufjf/2689/josianecristinadossantos.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 04 de abr. de 2019.

SCHNEIDER, M. P. Tessituras intergovernamentais das políticas de accountability educacional. **Revista Educação em Questão**. Natal. V.55, n.43, p.162- 186, jan./mar. 2017.

SCRIVEN, M. **Avaliação**: um guia de conceitos. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO DE PERNAMBUCO. **Bônus será pago esse mês aos servidores da Educação**. Recife. Disponível em: http://www.sad.pe.gov.br/web/sad/exibir_noticia?groupId=11927&articleId=22281&templateId=12770. Acesso em: 02 de Abril de 2019.

SISTEMA DE INFORMAÇÕES DA EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO (PE). **Bônus de Desempenho Educacional – BDE**. Pernambuco: SIEPE. Disponível: <http://www.siepe.educacao.pe.gov.br/WebModuleSme/itemMenuPaginaConteudoUsuarioAction.do?actionType=mostrar&idPaginaItemMenuConteudo=5913> . Acesso em: 24 de abr. de 2019.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, N° 13: 5-24, Jan/Fev/Mar/Abr,2000.

WEISS, C.S. COELHO, A.L. Avaliação da aprendizagem na educação: Uma reflexão dos conceitos e funções. In: **Congresso Nacional de Educação**, XII, 2015, Curitiba. Anais. Curitiba: Congresso Nacional de Educação, 2015. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18864_9372.pdf. Acesso em: 10 de abr. de 2019.

Recebido em: 26-08-2019

Aceito em: 14-07-2022

